

Edição Especial 3ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural



JORNADA
MINEIRA
DO PATRIMÔNIO
CULTURAL



**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...



Palavra do Presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

Setembro, mês de celebrações

Essa edição especial do Bem Informado retrata um pouco das várias atividades realizadas nestas Minas Gerais para a promoção do patrimônio cultural mineiro. Realizada anualmente, a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural movimentou, em sua 3ª edição, 567 municípios que se esmeraram na elaboração de atividades alinhadas ao tema proposto: *Quando a Minha história conta a história de todos*.

Em todas as regiões do estado, a comunidade se uniu em torno da experiência de mestres de ofícios, cineastas, fotógrafos e demais membros da sociedade em geral para contar um pouco de sua memória como parte do processo histórico local. A palavra de ordem era replicar ações para a preservação de suas tradições, em espetáculos variados. O início se deu no dia 1º de setembro, no auditório da Câmara de Dirigentes Lojistas, em Belo Horizonte, com a realização da palestra do músico e percussionista Carlinhos Brown, que contou sua bela experiência de vida e o trabalho cultural desenvolvido em sua comunidade.

A Jornada em si, bastar-se-ia. Contudo, neste ano de 2011, ainda tivemos o privilégio de celebrar os 40 anos do Iepha/MG, completados no dia 30 de setembro. A programação especial preparada, inclusive como parte da própria Jornada do Patrimônio, contou com encontros prazerosos. Vale citar o *"Iepha Discute"*, que consistiu em realização de palestras proferidas por personalidades ilustres ligadas às questões patrimoniais, para discussão de temas que possibilitam a reflexão e reorientação de condutas e ações que vêm sendo adotadas. Fechando toda a programação, foi realizado um concerto da Orquestra Sinfônica do Estado de Minas Gerais. Foi simplesmente magnífico.

Para o próximo ano, esperamos que mais municípios participem. É por meio dessas pequenas amostras, que nosso estado se faz reconhecido. E esse reconhecimento é que nos distingue MINEIROS, com muito orgulho.

Fernando Viana Cabral
Presidente

Depoimentos sobre a 3ª Jornada

"Terminada a nossa ação – *Redescobrimo a Pérola do Mucuri* – na III Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, gostaria de compartilhar com vocês a minha alegria. Foi muito gratificante ver e perceber o interesse das crianças durante as visitas guiadas por locais que contam a história de todos nós, de nosso município. Tive a certeza de que realmente nossa ação não poderia ter sido outra. Independentemente de pontuação que teremos no ICMS Cultural, nós estamos felizes com o resultado obtido. Meus agradecimentos e de todo o Conselho Municipal". – *Maria Eliza Oliveira de Souza – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carlos Chagas*

"Estamos inseridos na Jornada, desde sua primeira edição, com o programa *Vamos ao Museu?*. Iniciativa de grande relevância para a difusão e consequente valorização do Patrimônio Integral de Minas Gerais, a Jornada, além de abrir caminhos e dar visibilidade a projetos importantes, cumpre papel essencial para a democratização do acesso às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial". – *Andréia De Bernardi - Coordenadora Geral do Vamos ao Museu? – Nova Lima/BH*

"Elói Mendes comemora neste ano o seu Centenário de Emancipação Político-Administrativa, 100 anos de desenvolvimento e muito progresso. Homenagear o município neste ano é tão importante e significativo quanto parabenizar o Iepha pelos seus 40 anos.

Aproveitando o tema da III Jornada Mineira, *Quando a minha História conta a História de Todos*, revivemos momentos de grande emoção com o resgate cultural de uma época, vivida por nossos antepassados e, hoje, 100 anos depois, revivida pela comunidade eloiense. Parabéns Elói Mendes, parabéns Iepha". – *Maria Augusta Procópio – Diretora da Cultura – Elói Mendes*

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

Secretária adjunta: Maia Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Fernando Viana Cabral

Vice-presidente: Pedrovaldo Caram Santos

Chefe de Gabinete: Danielle Faria

Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza

Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior

Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira

Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Pablo do Prado Soares / Fotos: Divulgação 3ª Jornada

Tiragem: 2.600 exemplares – Impressão e acabamento: Rona Editora



CULTURA

Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG

Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br

Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Acervo antigo de fotos mostra parte da memória de Nova Lima

O tema da 3ª edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, *Quando a Minha História Conta a História de Todos*, deu título à exposição do acervo de fotos antigas de Arthur H. Millett, organizada pelo município de Nova Lima, no mês de setembro.

A mostra, realizada na Escola Casa Aristides – Atelier de Artes e Oficinas, reuniu fotos feitas por este inglês que chegou a Nova Lima em 1912 e tinha por hobby a fotografia. São registros do cotidiano da cidade, ainda cercada por matas, dos trabalhos na Mina do Morro Velho e de momentos marcantes como a visita dos príncipes de Gales e do rei da Inglaterra, George VI (recentemente retratado no filme *O Discurso do Rei*).

O fotógrafo Celso Travassos foi o responsável pelo resgate desse registro da história novalimense, restaurando e digitalizando as 580 imagens, feitas por Arthur Millett e doadas pela família à Casa de Memória de Nova Lima. “Quando se trata de acervo, se trata de história. E, quando se trata da nossa história, temos uma tendência de não confiar, não doar. Não foi isso que aconteceu com a família Millett, que cedeu o acervo preservado ao longo dos anos”, destaca. Como ressalta o neto de Arthur Millett, William Arthur, a família se sente honrada pelo privilégio de poder ceder parte de sua história para o município. “É nossa esperança que essas imagens ajudem a comunidade de Nova Lima a conhecer mais sua história e, assim, preservá-la”, avalia.

A programação da Jornada em Nova Lima contou ainda com um encontro de bandas, buscando a preservação dessa antiga tradição mineira.



Entrega de leite em lombo de burro



Trolley da Usina de Energia de Rio do Peixe



Bairro do Rosário com Igreja de Nossa Senhora do Rosário ao fundo



Visita dos Príncipes de Gales e do Príncipe George a Nova Lima



Lagoa dos Ingleses – atual Alphaville

Guardião da memória

Arthur H. Millett nasceu em 1883 em Wokingham, Inglaterra. Em 1912, aos 29 anos, veio ao Brasil, para trabalhar como contador assistente na St. John d'El Rey Mining Co. Ltd., instalada em Morro Velho, Nova Lima. Em 1922, passou um breve período na Inglaterra, onde se casou.

De volta a Nova Lima, Arthur retomou o trabalho na empresa e, em 1930, foi nomeado diretor superintendente, posição que ocupou até 1940, quando deixou a Companhia. Como hobby, mantinha em casa um bem equipado laboratório fotográfico, onde passava boa parte das suas horas de lazer.

Baldim conta sua história

Impulsionada pela Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, no distrito de São Vicente, a tricentenária Baldim foi crescendo e se desenvolvendo. O impacto da tecelagem no cotidiano e nas histórias de vida de seus habitantes é marca na memória de Aplínio Marques e de tantos outros antigos moradores e, na realidade, da cidade até os dias de hoje.

Aos 92 anos de idade, Aplínio foi o personagem central em uma das ações culturais realizadas em Baldim dentro da Jornada 2011. É dele a memória impecável que resgata e dá vida a dezenas de causos e personagens do passado que, frase a frase, recontam grandes páginas da história do município. Como parte da ação *O Município que conta a sua História*, as lembranças do antigo tecelão foram registradas em um vídeo muito especial, que acabou exibido nas escolas locais e em plena praça central de Baldim, para que toda a população pudesse revisitar alguns de seus momentos históricos.

Junto ao vídeo, uma grande exposição foi realizada para marcar os 300 anos do município no Ciclo do Ouro. Após extenso trabalho de pesquisas e levantamentos, o resultado final foi um rico acervo com cartas, brasões, documentos diversos, dezenas de fotos e relatos deste e de tantos outros personagens que recontam Baldim, suas festas, seu crescimento, suas tradições e sua gente.



Educação patrimonial

Conferências, palestras, encenações teatrais, publicações, exposições, cursos e oficinas foram algumas das centenas de ações de educação patrimonial que integraram a extensa programação desta terceira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural.

O tema deste ano, *Quando minha história conta a história de todos*, guiou muitos dos trabalhos, e não faltaram boas histórias sendo relembradas de diversas formas por todo o estado.



Sacramento



São Sebastião do Paraíso



João Monlevade



João Monlevade



Sacramento



Presidente Kubitschek



Carneirinho



Saudade



Limeira do Oeste



Comendador Gomes



Saudade



Presidente Kubitschek



Sacramento



Bom Sucesso



Porteirinha



Barra Longa



Saudade

Muriaé resgata memória do cinema



Divulgação / João Carlos Pereira Vargas

A primeira quinzena de setembro foi marcada pela Sétima Arte, em Muriaé, cidade da Zona da Mata mineira. Com a exposição *Muriaé na tela do cinema com o cineasta Carlos Scalla*, os moradores puderam conhecer a história do cinema no município, partindo da coleção particular de Carlos Scalla.

Entre projetores, filmadoras, equipamentos de edição, cartazes, fotos e rolos de filmes antigos de Muriaé – com peças raríssimas do início do século 20 –, foram exibidos os filmes *Lei sangrenta* (1968), *O homem da selva* (1969), *O Vingador Mascarado* (1970) e *Assalto frustrado* (1970), todos feitos pelo muriaeense Carlos Scalla que começou sua trajetória no cinema aos 14 anos, quando produziu seu primeiro filme, o *Lei Sangrenta*, custeado por amigos que faziam parte da película.

Raridades como o *Cinematographo Pathé Frères*, de 35 mm, fabricado na França em 1898, e uma das primeiras invenções dos irmãos Lumière (único cinematógrafo dessa época, em funcionamento no Brasil), estiveram entre as principais atrações da exposição. O equipamento foi encontrado por Scalla enterrado em Muriaé. Fascinado pela máquina, que não funcionava e perdera algumas peças, durante dois anos trabalhou em sua restauração com argamassa e latão. Hoje seu funcionamento é perfeito e, inclusive, ele foi utilizado em filmes do cineasta.

Outra relíquia é o conjunto cinematográfico *Pathé Baby*, 9,5mm, fabricado em 1922, primeiro equipamento utilizado pelo cineasta Humberto Mauro, amigo de Scalla, no curta *Valadião, o cratera*, em 1925.

A exposição, que aconteceu no Memorial Municipal (no antigo Paço Municipal), contou com a presença do cineasta nos dias 06 e 07 de setembro. “Eu reúno esse acervo há 43 anos. Nunca vendi, tudo isso pela paixão que carrego pelo cinema desde menino”, revelou Scalla durante conversa com os visitantes.

A iniciativa fez parte da 3ª Jornada Mineira do Patrimônio, promovida pelo Iepha/MG, em parceria com os municípios e diversas instituições culturais do estado. Em Muriaé foram realizadas outras quatro ações: Exposição de biografias de cidadãos muriaenses, Visita guiada ao Memorial Municipal de Muriaé, Desfile *Quando minha história conta a história de todos* (tema da Jornada) e palestra *Posse, poder e propriedade: A disputa pela terra - São Paulo do Muriaé no século XIX*, com Vitória Fernanda Schettini.

Cineasta

A relação de Scalla com o cinema começou bem cedo, em 1966, quando ele tinha 12 anos, e foi atuar como ajudante de projetor de filmes. O trabalho era gratuito, mas, em troca, ele podia assistir aos filmes. Seus primeiros equipamentos foram adquiridos em troca de uma bicicleta. “Um garoto da minha idade havia herdado do pai um conjunto cinematográfico; eu procurei a família e propus um negócio, já sabendo que o garoto queria uma bicicleta”, revela Scalla no documentário sobre a sua vida, *O Garoto que Trocou a Bicicleta Pelo Cinema*.

Atualmente o cineasta mantém em sua residência um museu que conta com biblioteca e inúmeras obras que registram a história do cinema, sendo uma referência sobre o assunto. “Com a ajuda do meu filho, Bruno Scalla, recebo visita de faculdades de todo o país querendo conhecer um pouco dessa história. Porque, diferentemente de outros museus, todos os meus equipamentos funcionam perfeitamente como na época em que foram construídos”, revela Scalla.



Visitas ao Museu Carlos Scalla podem ser agendadas pelos emails carlos_scalla@yahoo.com.br e bruno_scalla@yahoo.com.br.

O documentário *O Garoto que Trocou a Bicicleta Pelo Cinema* pode ser visto no site http://www.youtube.com/watch?v=DnIX_PlgOrE&feature=player_embedded#t=5s

Um francês apaixonado pela cultura mineira

Se você já esteve no Museu da Inconfidência ou do Oratório, em Ouro Preto, ou se já passou pelo Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, certamente já experimentou uma leitura desses acervos através dos olhos do francês Lionel Dupont. Junto ao parceiro Pierre Catel, Dupont foi responsável pelos projetos museográficos destes ícones da cultura mineira, assim como de tantos outros espaços culturais históricos do outro lado do oceano.

Apanhado no papel de turista curtindo férias em BH, o arquiteto conversou com o Bem Informado sobre patrimônio, conservação, diferenças culturais entre os dois países e sobre a grande paixão que hoje nutre pelo Brasil.

Como começa sua história com o patrimônio e a museografia?

Eu nasci na região da Picardia, terra das grandes catedrais. Para o francês, tudo começa sempre com muito patrimônio ao redor. Eu me formei pela Escola de Arquitetura de Paris La Vilette, em 1983, e, alguns anos depois, passei a me dedicar a um trabalho mais focado na museografia, com Pierre Catel. Juntos, atuamos em diversos projetos, como no Museu de Medicina Militar em Val de Grace, do século 17, e no *Museu Des Pays de Seine ET Marne Saint Cyr sur Morin*, além de um Ecomuseu e de diversas exposições temporárias, sempre em prédios históricos. Outro trabalho de muito destaque foi o projeto de valorização do Anfiteatro Romano de Arles, construção do século 1 a.C..

Em 1995, ainda à distância, o senhor e Catel iniciaram uma série de estudos para projetos de museografia em espaços culturais no Brasil. Como foi essa empreitada?

Fomos procurados pela presidente do Instituto Cultural Flávio Gutierrez, Ângela Gutierrez, para projetos em Ouro Preto, onde fomos responsáveis pela museografia do Museu do Oratório e do Museu da Inconfidência. Em 2001, desenvolvemos a concepção do Museu de Artes e Ofícios. Eu tenho uma enorme gratidão e carinho pela Ângela, que nos abriu as portas da cultura mineira e tivemos a sorte de trabalhar em projetos importantes no Brasil. Esses trabalhos me permitiram descobrir o patrimônio histórico oficial de Minas, mas também o religioso, o artístico e o musical. Ouro Preto é uma universidade de patrimônio. Toda a história do Brasil fica ali.

O senhor é diretor pedagógico de um grupo de escolas na França. Como o senhor trabalha a questão do patrimônio, que é algo tão presente em sua trajetória?

Tento trabalhar com meus alunos de Arquitetura sempre baseado na realidade. Acho melhor visitar o que tem sido feito, e pensar em cima de bons trabalhos, do que desenvolver projetos virtuais. Também tive uma experiência como educador em uma escola primária, em que trabalhei muito a questão da educação patrimonial, sensibilizando as crianças a perceberem seu entorno e realmente enxergar a qualidade da arquitetura. Por lá, as crianças nascem e crescem acostumadas com o patrimônio. Elas o vêem a seu redor o tempo todo, mas não o percebem realmente. Infelizmente, na França, educação patrimonial – que é de inenunciável valor – também ainda não faz parte do currículo escolar, exceto em escolas especializadas.



Acervo Iepha

O que desperta seu olhar de arquiteto, museógrafo e também de turista em Belo Horizonte?

Uma coisa que me chamou muita atenção foram os imóveis das décadas de 1930 a 1950 no centro da cidade, praticamente abandonados. Quase não temos exemplares desse período na França, por conta da 2ª Guerra Mundial. Outra coisa é o patrimônio da época da criação da capital. Também não temos isso na França. O urbanismo do bairro Funcionários é um modelo, e as casas são muito interessantes. A cidade também tem muitos jardins. Em qualquer pequeno espaço de terra, as pessoas plantam uma árvore, e ela logo cresce. Isso é muito bom e bonito.

Outro detalhe é o próprio Oscar Niemeyer. É um fenômeno que faz parte da forma como as pessoas criam a arquitetura hoje e amanhã, não só no Brasil, mas no mundo todo. A Pampulha é um grande laboratório, uma área de experimentação a céu aberto. Não apenas as edificações, mas a criação total do lugar. Isso é uma coisa rara na França. Estamos sempre em um contexto histórico, com muita regulamentação em torno dos monumentos históricos, do urbanismo e da questão da segurança. Não existe espaço e nem liberdade para criar tanto.

Este ano acaba de ser realizada a 3ª Jornada Mineira de Patrimônio Cultural, inspirada na Jornada Francesa. Participando do evento por lá todos os anos, qual o senhor acredita ser o segredo do sucesso?

Logo em sua primeira edição na França, há 25 anos, o evento foi um grande fenômeno e, já no ano seguinte, foi se estendendo a diversos países da Europa. Hoje são mais de 50 estados envolvidos na organização. A Jornada tem o objetivo de proporcionar a descoberta do patrimônio público e privado, de bens conhecidos e desconhecidos. Sempre no terceiro fim de semana de setembro, as portas se abrem. É um momento muito importante. Fica tudo sempre cheio, mesmo havendo uma enorme quantidade de prédios abertos e eventos propostos. Acredito que a chave do sucesso seja criar a curiosidade, despertar o sonho no cidadão comum de ver por dentro o palácio do presidente, por exemplo. É também uma maneira de mostrar o que o Estado faz com o dinheiro público na preservação dos bens. Funciona bem por causa das temáticas propostas.

Patrimônio é algo muito interessante, mas pode ser ainda mais atrativo com alguma diversão vinculada; por exemplo, servindo como cenário para concertos, danças, teatro, e outros tipos de eventos, por que estes acontecimentos trazem ainda mais pessoas para conhecer o patrimônio.

Como o senhor avalia a realização da Jornada em Minas?

Infelizmente não tive a oportunidade de conhecê-la a fundo, mas é, sem dúvida, uma iniciativa excelente. Pode se tornar igualmente um fenômeno muito interessante, mas deve ser completamente adaptado à situação brasileira, que é um contexto diferente do nosso. Minas pode se servir da Jornada como atrativo, mas precisa pensar além do evento.

Belo Horizonte, por exemplo, serve apenas de estada para turistas que vão a Ouro Preto e Diamantina, que têm maior oferta de patrimônio preservado e organizado. A capital não tem estrutura turística. É uma cidade grande com atrativos muito pontuais e espalhados. Torna-se difícil para o turista achar um ônibus que passe em determinado lugar, e quando chega ao prédio, não há informações, um histórico, fotos antigas, um guia, não há essa facilitação para o turista ou informações para o visitante, para que ele possa aprender mais sobre os prédios que vai ver.

BH precisa de coisas diferentes, de eventos e atrativos para manter o turista na cidade um pouco mais. Acho que o projeto do Circuito Cultural da Praça da Liberdade é um início muito importante nesse sentido, que vai valorizar muito Belo Horizonte. Penso também que um Centro de Interpretação da Arquitetura e do Patrimônio (CIAP), como os que temos na França, poderia ser um ponto de partida

para diferentes percursos turísticos e temáticos a se desenvolver. Isso são só ideias, é difícil realmente avaliar e supor quando se trata de um projeto em um contexto verdadeiro.

Como você vê a diferença entre França e Brasil na forma como se relacionam com o patrimônio?

Na França, as origens desse evento que é a Jornada e toda a noção de preservação e promoção do acervo cultural vêm do século 17, com a proteção do patrimônio da Idade Média e com os ideais da Revolução Francesa muito atrelados à consciência de patrimônio e identidade. É muito diferente do Brasil, que tem 500 anos de história enquanto nós temos dois mil. Estamos completamente prisioneiros do patrimônio e, por lá, esta é uma questão tão importante que chega a ser complicada. É uma preservação conservadora demais. É bom, mas ninguém quer viver em um museu, e é difícil equilibrar patrimônio e a liberdade de se fazer o que se quer. Um pouco menos quando é para um projeto do governo, mas para empreendimentos privados ou para fins habitacionais, por exemplo, é muito complicado. Construir algo como o *Centre Pompidou*, o *Beaubourg* – um centro cultural que parece uma refinaria de petróleo – é algo muito difícil.

No nosso trabalho, a gente encontra sempre muitos clientes apaixonados pelas cidadezinhas do Sul da França, com suas ruazinhas estreitas e todo aquele charme, mas com certeza não querem morar lá. É um charme sem conforto. Vivemos um momento de americanização, de padrões modernos e arrojados. E é aí que esbarramos na preservação.

Que pontos o Brasil ainda precisa trabalhar para evoluir no trabalho de preservação do patrimônio?

Correndo muito o risco de iniciar aqui uma polêmica, acredito que o Brasil precisa ter mais planejamento urbanístico e preservar mais o profissional arquiteto. Na França, engenheiros não assinam projeto, só fazem mesmo o cálculo da estrutura. Precisa também haver mais regulamentação e controle. Embora o francês reclame muito disso, ele aceita, porque sabe que a regulamentação faz bem e demonstra respeito ao patrimônio e ao desenvolvimento sustentável.

Além disso, o Brasil precisa voltar sua atenção, enquanto é tempo, para a preservação também de sua cultura, seu patrimônio imaterial. Esse foi um ponto que passou despercebido para a França e, por falta deste cuidado, muito se perdeu. Praticamente não temos mais o artesanato, substituído por miniaturas da Torre Eiffel feitas em Hong Kong. Eu gosto muito do artesanato mineiro, em pedra-sabão, bonecas em palha de milho, cerâmica... Isso precisa ser preservado, valorizado e vivenciado por todos que tiverem essa oportunidade.



Espaços culturais abrem suas portas durante a Jornada

Entre as modalidades de ações culturais mais simbólicas da Jornada do Patrimônio, as visitas guiadas e o “Patrimônio de Portas Abertas” remontam à origem do evento, na França, há mais de 25 anos. Por lá, a Jornada nasceu exatamente como oportunidade para que o público pudesse conhecer melhor bens a que normalmente não têm acesso. Mais do que isso, a ideia é fazer dessas visitas um momento educativo, de informação para o reconhecimento e a valorização do patrimônio.

Na versão mineira da Jornada, a tradição se repete. Este ano, mais uma vez, a visitação a bens culturais atraiu grupos de alunos e moradores a igrejas, sítios arqueológicos e fazendas históricas, dentre tantos outros espaços abertos à população durante o evento.

Processos de restauro são atração

A recuperação de bens culturais e sua reapresentação às comunidades de origem também integraram ações durante a programação da Jornada em todo o Estado. Em alguns municípios, curiosos e interessados puderam visitar obras de restauração em curso, aprendendo mais sobre o delicado processo especializado. Moradores de outras cidades festejaram a entrega de bens restaurados a tempo para esta grande celebração do patrimônio mineiro. Foram realizadas ainda ações de cunho didático, com exposições de fotos, vídeos e palestras mostrando passo a passo trabalhos de recuperação já finalizados.



↑ Visita ao Museu Histórico Regional de Itambacuri



↑ Visita ao Centro de Memória do Inatel, em Santa Rita do Sapucaí



↑ Mostra do processo de restauração de imagens processionais, em Rio Novo



↑ Visita guiada à Fazenda das Corvinas, em Barra Longa



↑ Visita a local de fabricação de queijo artesanal, na zona rural de Desterro do Melo



↑ Visita guiada à Fazenda das Corvinas, em Barra Longa



↑ Apresentação da imagem do Divino Espírito Santo restaurada, em Desterro do Melo

Bate-papo com antigos moradores encanta jovens de Itamogi

Uma roda de bate-papo com contadores de história foi uma das ações realizadas em Itamogi dentro da terceira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Em um cenário especialmente montado para dar novamente vida a momentos históricos da cidade, alunos da Escola Estadual de Itamogi se encontraram com um grupo de personagens locais cheios de experiência; e de bons causos para contar.

Os cinco convidados especiais, todos com mais de 80 anos, se revezaram em lembranças, ora guiados por fotos antigas, ora pela própria saudade dos tempos passados. O agricultor e congadeiro Geraldo Naves relembrou os ternos de congo da década de 1950, a inauguração do Cine Éden, em 1951, e o lançamento da primeira pedra de calçamento da cidade, dois anos depois. Ele prendeu a atenção dos jovens ao lembrar a breve existência de um campo de aviação em Itamogi, na década de 1940, e o susto da população da época ao ver um avião de perto. A maior parte dos alunos, e mesmo dos professores, nunca tinha ouvido falar do tal campo, cuja inauguração foi registrada em foto de 1942.

Muitos outros causos e passagens também surgiram com a participação do agricultor e ex-congadeiro Luis Rosa, conhecido por suas rimas e versos; e do hoje estudante José Silvério Pereira, que participou orgulhosamente do evento como convidado e, ao mesmo tempo, como aluno do turno da noite na educação de adultos. Já o comerciante João Gonçalves Sobrinho falou sobre a cidade e a vida na lida com o café (um dos pilares econômicos do município) e sobre a importante chegada da primeira máquina de beneficiamento de café e arroz; na qual, inclusive, ele próprio trabalhou.

Para os alunos, um dos pontos altos do encontro ficou mesmo por conta da animadíssima Maria Aparecida Pimenta, a dona Donga, que se encarregou de reportar aos alunos os causos da juventude de outrora. Os bailes, paqueras e namoros e os eventos sociais da cidade despertaram a curiosidade dos alunos, que se puseram a fazer perguntas sobre como era ser um adolescente em Itamogi décadas atrás.

Dona Donga ainda contou histórias das vendas e de outros comércios locais, dos três primeiros carros que rodaram pela cidade e das pastorinhas do presépio do Padre João em 1952. E fez rir, ao lembrar do extinto conjunto musical *Du vai, ou racha*. Ao se deparar com uma imagem da Praça João Batista, na década de 1940, lembrou saudosa: "Naquela época, para um passeio na praça, o povo se enfeitava, ficava muito chique, como se fosse para um casamento. Hoje, as pessoas passeiam e até vão a um casamento de bermuda e chinelo, como se não fosse nada".

Junto à conversa, uma exposição de fotos antigas ilustrou estas e tantas outras páginas da história da cidade, e os convidados ajudaram a identificar vários dos personagens e momentos retratados. A coordenadora da escola, Edivânia Pionteck, explica que algumas das fotos foram trazidas por alunos e professores, mas a grande maioria foi reunida a partir de um acervo digital mantido coletivamente por diversos moradores da cidade em uma rede social na internet. "A partir dos relatos, as fotos despertaram muita curiosidade nos alunos. Por isso, decidimos manter a exposição na escola por mais alguns dias, e tem sido um sucesso", comemora.



▲ Dona Donga relembra os passeios na Praça São João Batista



▲ Senhor Geraldo Naves conta sobre o campo de aviação inaugurado em 1942



▲ Senhor João Sobrinho revive a chegada da primeira máquina de beneficiamento de café

Grupos populares levam cultura às ruas

Folias de reis, guardas de Moçambique, danças das fitas, congado, grupos de capoeira, bandas de música, violeiros e muitas outras manifestações da cultura popular encheram de cor e alegria as ruas de diversos municípios mineiros durante o mês de setembro. Não foram poucas as cidades participantes da 3ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural que organizaram apresentações desses grupos. Confira nas fotos um pouco dessa grande celebração do patrimônio que agitou Minas.



^ Apresentação de danças regionais brasileiras, em Porteirinha



^ Congo mirim, em Senhora de Oliveira



^ Roda de capoeira, em Sacramento



^ Apresentação do Grupo Tambolelê, em Águas Formosas



^ Folia de Reis, em Comendador Gomes



^ Folia de Reis, em Fortuna de Minas



^ Encontro de bandas, em Desterro de Melo



⤴ Congada se apresenta, em Senhora de Oliveira



⤴ Grupo musical de jovens, em Fortuna de Minas



⤴ Serenata, em Elói Mendes



⤴ Festa de São Benedito, em Minas Novas



⤴ Grupo de Congado nas ruas de Minas Novas



⤴ Sociedade Musical e Cultural Santa Lúcia de Sabará, em encontro de bandas em Nova Lima



⤴ Apresentação de Terno de Moçambique, em Saudade



⤴ Apresentação de dança folclórica, em Porteirinha

Iepha celebra 40 anos com diversos eventos



Fotos: Izabel Chumbinho e arquivo Iepha/MG

Os 40 anos do Iepha/MG foram marcados por uma série de comemorações, começando pela presença do músico e compositor Carlinhos Brown, no dia 1º/09, durante a abertura da 3ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Brown relembrou passagens de sua vida, dentro da proposta do tema da Jornada para 2011, *Quando a minha história conta a história de todos*.

O encontro com o músico fez parte do Iepha Discute, programa com objetivo de promover palestras sobre o patrimônio cultural, abertas aos interessados. Durante o mês de setembro, também participaram do Iepha Discute a coordenadora de Cultura da Unesco no Brasil e ex-presidente do Instituto, Jurema Machado; o coordenador das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de MG, Marcos Paulo de Souza Miranda; e o secretário municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano de Ouro Preto, Gabriel Simões Gobbi.

Na manhã do dia 30, data oficial do aniversário do Iepha, atuais e ex-servidores, familiares, amigos e ex-presidentes participaram de um culto ecumênico, na Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem. À tarde, com a presença do poeta, ex-presidente e um dos fundadores do Iepha/MG, Affonso Ávila, os servidores do Instituto participaram de um bate-papo seguido de confraternização.

No dia 03 de outubro, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais apresentou um concerto especial, com valsas de J. Strauss, no Palácio das Artes, em homenagem aos 40 anos. Na ocasião também foi lançado, pelos Correios, o selo personalizado comemorativo da data.

Agradecemos a todos que ajudaram a construir essa história e àqueles que participaram dos eventos comemorativos, celebrando essas quatro décadas conosco.

▲ Agradecemos a todos que colaboraram para a realização da 3ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Ministério Público Estadual - Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais; Museu da Pessoa; Revista de História da Biblioteca Nacional; Serviço de Cooperação e Ação Cultural da Embaixada da França no Brasil – Escritório de Belo Horizonte; Rádio Inconfidência e Rede Minas de Televisão; Academia Mineira de Letras, Automóvel Clube de Minas Gerais, Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL/BH), Catedral Nossa Senhora da Boa Viagem, Fundação Clóvis Salgado, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais.